



VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Sociedade, Crise e Reconfigurações

Porto, 19 a 22 de Junho de 2012

Área Temática Identidades, valores e modos de vida

Apelo à apresentação de resumos de comunicações

Importando reconhecer que na prática sociológica a identidade possui um duplo e ambivalente estatuto – entre instrumento (logo conceito) e objecto de conhecimento, considerá-la-emos somente como objecto denso e complexo. Há boas razões para isso. Como explica Bauman num ensaio intitulado *Identity*: “A ideia de ‘identidade’ (...) não incubou na experiência humana ‘naturalmente’. Essa ideia foi imposta ao *Lebenswelt* dos homens modernos – e chegou como uma *ficção*. Congelou num ‘dado’ precisamente porque era uma *ficção*, e graças ao penoso hiato sentido entre o que a ideia implicava, insinuava ou promovia e o *status quo ante*. A ideia de ‘identidade’ resultou da crise de pertença e também do esforço que desencadeou para superar o hiato entre o *deve ser* e o *é* e fazer a realidade encontrar o padrão estabelecido pela ideia – ou seja, para refazer a realidade à luz da ideia.”

Mas Bauman precisa mais: na identidade enquanto ficção social instituída convergem muitos dos processos sociais contemporâneos: a formação do Estado; a materialização das formas de poder coercitivo e persuasivo legítimo que por seu intermédio vingaram; a normalização de padrões morais; a definição, controle e policiamento da fronteira simbólica entre ‘nós’ e ‘eles’ – por aí convertendo a identidade num factor de inclusão mas também de exclusão. Na ‘identidade’ verifica-se uma luta contra a dissolução, a fusão e a fragmentação; daí ser tão propensa a controvérsias. A declinação da identidade numa economia política não pode pois ser ignorada por sociólogos que queiram analisar e não tomar partido nas lutas simbólicas de classificação que motivam e implicam os actores sociais.

É neste quadro problemático que formulamos um *call for papers* para equacionar as tramas de relações que se estabelecem entre identidades, valores e modos de vida numa era de desinstitucionalização e erosão dos referentes das identidades colectivas

estabelecidos na modernidade. Tudo indica que a modernidade tardia favoreça as identidades dos Eus em detrimento das identidades dos Nós; faça pois preponderar formas individualizantes, diferenciadoras, singularizadoras sobre formas colectivas, generalizadoras, englobantes.

Estarão os processos de individualização/singularização a minar as formas identitárias modernas ou sofrerão estas apenas processos de recomposição? As articulações entre certas identidades, certos valores e modos de vida – por exemplo, a operária a que corresponderiam valores e modos/estilos de vida próprios do operariado – terão cedido definitivamente, operando-se clivagens irreduzíveis entre eles, ou, ao invés, assistir-se-á a realinhamentos que no fim de contas ditam apenas a constituição de novas nebulosas de identidades, valores e modos de vida? Estarão as gramáticas sociais das identidades a esvaziar-se? Na ‘bricolage’ individual das identidades avultarão hoje utopias identitárias sem topos?

Estas e outras questões podem ser suscitadas a partir de inúmeros ângulos teóricos e sociologias: da família à do trabalho, das profissões à das classes, do género à do indivíduo, da religião à política, da cultura à do consumo, da juventude à memória. Contamos então com todos os contributos que se proponham reforçar o conhecimento sociológico sobre os recortes que, em especial no caso da sociedade portuguesa, as relações entre identidades, valores e modos de vida vêm revestindo.

Os resumos (entre 1750 a 2500 caracteres) deverão ser submetidos *on line*, em www.aps.pt, até 31 de Dezembro de 2011.

